

**O HISTORIADOR E SUAS FONTES: CONSTRUÇÃO, DESCONSTRUÇÃO,
RECONSTRUÇÃO**

**THE HISTORIAN AND HIS SOURCES: CONSTRUCTION,
DECONSTRUCTION AND RECONSTRUCTION**

Régine Le Jan
Université Paris 1 Sorbonne

Tradução
Flávia Aparecida Amaral e Robson Murilo Grando Della Torre

Resumo: Este artigo propõe uma discussão de caráter teórico-metodológico que, centrada em documentação e historiografia sobre a Alta Idade Média, abrange a medievalística de modo amplo. Após avaliar os procedimentos e efeitos de métodos historiográficos pós-modernos, responsáveis por uma certa demolição das fontes históricas tradicionais, a autora apresenta possibilidades de se reconstruir a interpretação das mesmas fontes, como a Tumba de Childerico e o Manual de Dhuoda, em que seja superada a perspectiva etnocêntrica, hierárquica e centralizadora que marca boa parte da historiografia europeia desde o século XIX. Além disso, adverte sobre os riscos de um apego excessivo aos modelos explicativos de cunho sociológico, que podem fazer os historiadores perderem de vista a diacronia e a singularidade de seus objetos.

Palavras-chave: Historiografia, Alta Idade Média, Etno-história.

Abstract: This article proposes a theoretical and methodological discussion that, focused on documentation and historiography of the early Middle Ages, broadly cover the medieval studies. After evaluating the procedures and effects of post-modern historiographical methods, responsible for some demolition of the traditional historical sources, the author presents possibilities for rebuilding the interpretation of the same sources, as the Tomb of Childeric and Dhuoda's manual, in which the ethnocentric, hierarchical and centralized perspective that marks much of European history since the nineteenth century, is overcome. Moreover, it warns about the risks of an excessive attachment to the explanatory models of sociological nature, which can make historians lose sight of the diachrony and the uniqueness of their objects.

Keywords: Historiography, High Middle Ages, Ethno-history.

Há trinta ou quarenta anos atrás, como hoje, o historiador medievalista reunia suas fontes, classificava-as por tipos, comparava e criticava. Mas a crítica se resumia então, frequentemente, às questões de datação (contemporaneidade/posteridade do escrito em relação aos eventos), autoridade (fontes da lei), remodelação (diferentes versões de uma mesma obra), autenticidade, transmissão e comparação por períodos ou regiões. A crise que atingiu em cheio as ciências humanas durante as duas últimas décadas, devido em grande parte ao recuo das grandes ideologias, conduziu os historiadores a colocar em questão sua própria disciplina e sua maneira de escrever a história. Os historiadores medievalistas precisam defender seu objeto de trabalho, seu terreno, que não é somente procurar as raízes da cultura ocidental, mostrando a riqueza e o interesse geral de seu período e de seu trabalho para o conhecimento das sociedades humanas. O questionamento profundo sobre a escrita da história, sobre as relações entre escrita e modelos culturais, ideológicos, políticos ou sociológicos, sejam explícitos ou implícitos, se tornou uma de nossas maiores preocupações. Vindos dos Estados Unidos, a pós-modernidade, a “*linguistic turn*” nos anos 80 ou a “*performative turn*” nos anos 90, abalaram as teorias filosóficas e sociológicas que tinham influência predominante no seio das ciências humanas e sociais. Privado de suas referências tradicionais, tendo consciência de que utiliza modelos que ele nem sempre domina, bem mais crítico que seus predecessores em relação às suas fontes e a seu próprio trabalho, o historiador se esforça agora para delimitar seu objeto, para construir após desconstruir. Correndo o risco de enunciar banalidades, são essas questões que eu gostaria de abordar aqui brevemente aplicando-as à Alta Idade Média.

1 - História, memória, esquecimento

Enunciarei logo de início um truísmo: a história, que é o estudo do passado, se escreve com o que foi conservado, transmitido, descoberto. Ao mesmo tempo, os historiadores utilizam o conceito de memória social, desenvolvido por Maurice Halbwachs, segundo o qual toda memória é transmitida socialmente e toda memória coletiva é uma memória de grupo¹. Os historiadores da Alta Idade Média estavam mais

¹ HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Alcan, 1925. Ver BORGOLTE, Michael. *Memoria*. Bilan intermédiaire d'un projet de recherche sur le Moyen Âge. In: SCHMITT, Jean-Claude; OEXLE, Otto G. (dir.). *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne*. Atas do colóquio de Sèvres (1997) e Göttingen (1998) organizados pelo CNRS e pelo Max-Planck-Institut für Geschichte. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p. 51-69.

interessados do que os historiadores de outros períodos pelo fenômeno da memória social, devido à natureza de suas fontes (sobretudo religiosa). Eles então dirigiram seu interesse para a memória coletiva como vetor da comunicação intergeracional e fator de coesão social. A *memoria*, bem documentada pelas atas diplomáticas e livros memoriais, foi percebida por Otto-Gerhard Oexle e os historiadores alemães, fortemente influenciados pela sociologia weberiana, como a cultura englobante da sociedade, um fenômeno social total que reúne os vivos e os mortos, paradigma que se impôs. Estudou-se como o passado era instrumentalizado para legitimar e reproduzir as relações sociais². A construção do passado deu lugar a brilhantes estudos sobre a historiografia medieval, conduzidas na França por Bernard Guenée³, na Inglaterra por Rosamond McKitterick⁴ e Janet Nelson⁵ e na Alemanha por Hans Werner Goetz⁶. A memória das origens, com os mitos dos povos, as genealogias reais, depois principescas, o passado dos mosteiros e das igrejas catedrais, funda em um passado longínquo uma legitimidade que se projeta no presente e no futuro.

Mas ao mesmo tempo, mostrou-se que o passado nem sempre tinha autoridade⁷ e que o conceito de memória, inclusive, deixava de lado as perturbações introduzidas pelas rupturas, uma vez que poderia haver ali conflitos de memória e memórias conflituosas⁸. Além disso, como lembrou Michel Lauwers, os historiadores alemães que desenvolviam o

² HEN, Yitzhak; INNES, Matthew. *The Uses of the Past in the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

³ GUENÉE, Bernard (dir.). *Le métier d'historien au Moyen Âge*. Études sur l'historiographie médiévale. Paris: Publications de la Sorbonne, 1977. *L'historiographie en Occident du V^e au XV^e siècle*. Atas do Congresso da Sociedade de historiadores medievalistas do ensino superior, Tours, 10-12 junho de 1977. *Annales de Bretagne et des pays de l'Ouest*, 87 (2), 1980 (Rennes).

⁴ INNES, Matthew; MCKITTERICK, Rosamond. The writing of history. In: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). *Carolingian Culture: Emulation and Innovation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 193-220; MCKITTERICK, Rosamond. Constructing the past in the early Middle Ages: the case of the Royal Frankish Annals. *Transactions of the Royal Historical Society*, 7, p. 101-129, 1997 (Cambridge).

⁵ NELSON, Janet. Public Histories and Private History in the Work of Nitard. *Speculum*, 60 (2), p. 251-293, 1985 (Cambridge). *Idem*. History writing at the courts of Louis the Pious and Charles the Bald. In: SCHEIBELREITER, Georg; SCHARER, Anton (eds.). *Historiographie im frühen Mittelalter*. München: Oldenbourg Verlag, 1994, p. 435-442.

⁶ GOETZ, Hans-Werner. Zum Geschichtsbewußtsein in der alamannisch-schweizerischen Klosterchronistik des hohen Mittelalters (11.-13. Jahrhundert). *Deutsches Archiv*, 44, p. 455-488, 1988 (München). *Idem*. Die Gegenwart der Vergangenheit im früh- und hochmittelalterlichen Geschichtsbewußtsein. *Historische Zeitschrift*, 255, p. 61-97, 1992 (München).

⁷ SANSTERRE, Jean-Marie (ed.). *L'autorité du passé dans les sociétés médiévales*. Turnhout: Brepols, 2004.

⁸ BORGOLTE, Michael. *Memoria*. Bilan intermédiaire d'un projet de recherche sur le Moyen Âge. In: SCHMITT, Jean-Claude; OEXLE, Otto G. (dir.). *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne*. Atas do colóquio de Sèvres (1997) e Göttingen (1998) organizados pelo CNRS e pelo Max-Planck-Institut für Geschichte. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p. 51-69.

conceito de “cultura da memória” não se interessaram pela adesão das populações a essa cultura, nem pelas resistências à comemoração⁹. Sem falar no livro de Patrick Geary sobre a memória e o esquecimento em torno do Ano Mil que veio lembrar que a memória se articula também com o esquecimento e que só se guarda na memória aquilo de que não se quer esquecer¹⁰. Para Jean-Claude Schmitt, a *memoria* é uma forma de memória coletiva, mas também uma técnica social de esquecimento. A instrumentalização da memória coletiva permite esquecer o resto, e isso deveria interessar aos historiadores. Estes se concentraram em casos em que a *damnatio memoriae* é evidente, como se dá no final do século VIII com os Merovíngios ou mais tarde com a esposa lombarda de Carlos Magno. Mas por que se guardava na memória apenas três gerações, uma vez que os direitos à herança iam até o 4º ou 5º grau de parentesco e a Igreja veio a proibir as uniões até o 4º grau? A consideração mais sistemática do “esquecimento” e das resistências é difícil, mas por vezes possível. Permitirá por exemplo, compreender melhor como as sociedades cristãs que elevam o amor ao próximo (a *caritas*) ao nível de virtude cardeal, e que parecem aspirar à paz, puderam ser ao mesmo tempo sociedades de ódio e de vingança. Se o historiador pode sempre esperar que o acaso o fará descobrir documentos “esquecidos”, tais descobertas serão sempre pequena fração de um todo que continuará para sempre inacessível.

2 - Desconstruir o documento

A questão da construção sistemática da fonte se impõe agora como pré-requisito à toda pesquisa histórica sobre a Alta Idade Média. É um trabalho apaixonante, mas que fica cada vez mais complexo à medida em que se multiplicam as pesquisas coletivas, progride a interdisciplinaridade e a internacionalização e em que novos questionamentos são definidos. Ele impõe, a partir de agora, não somente a contextualização da narrativa, mas também do encontro das finalidades próprias demonstrando os esquemas mentais que se impõem aos autores. Desse ponto de vista, os trabalhos de Philippe Buc sobre os rituais

⁹ LAUWERS, Michel. *Memoria*. À propos d'un objet d'histoire en Allemagne. In: SCHMITT, Jean-Claude; OEXLE, Otto G. (dir.). *Les tendances actuelles de l'histoire du Moyen Âge en France et en Allemagne*. Atas do colóquio de Sèvres (1997) e Göttingen (1998) organizados pelo CNRS e pelo Max-Planck-Institut für Geschichte. Paris: Publications de la Sorbonne, 2002, p. 118.

¹⁰ GEARY, Patrick J. *Phantoms of Remembrance: Memory and Oblivion at the End of the First Millennium*. Princeton: Princeton University Press, 1994 [trad. fr.: *Mémoire et oubli à la fin du premier millénaire*. Paris: Aubier, 1996].

foram uma formidável ferramenta de reflexão para os alto-medievalistas, ainda que seu trabalho seja passível de críticas e deva ser situado em um dado contexto intelectual¹¹.

O primeiro testemunho de que gostaríamos de tratar diz respeito a um episódio muito conhecido das histórias de Gregório de Tours, o da “vingança de Clotilde”. Relembro seus principais elementos, na apresentação de Gregório. Trinta anos depois de seus pais terem sido assassinados por seu tio, o rei burgúndio Gondebaldo, e antes de seu casamento com Clóvis. Dez anos após a morte de Clóvis, Clotilde incita seus filhos a vingarem o insulto à sua família. Gondebaldo estava morto, assim a vingança cai sobre seus dois filhos Sigismundo e Godomar. Clodomiro aprisiona Sigismundo, sua mulher e filhos. Apesar das injunções do bispo Avito, os mata, sendo ele próprio assassinado em uma guerra contra Godomar. Essa história de vingança intra-familiar foi muito bem estudada primeiramente por John-Michael Wallace-Hadrill que define o sistema de faida dos francos¹², mais recentemente estudado por Stephen White¹³ e enfim por Barbara Rosenwein¹⁴. A sociedade merovíngia surge aí como uma sociedade de vingança, tal como aquelas estudadas pelos antropólogos na África e outras regiões do mundo, como no que se refere à sociedade islandesa medieval das sagas analisada por William Miller¹⁵ em que se destacam a competição entre os indivíduos ou grupos separados por uma pequena distância social, a calúnia, o tempo lento da vingança, a coesão do grupo dos vingadores. Wallace-Hadrill vê na vingança de Clotilde a ilustração dos mecanismos da faida: duas famílias reais, ligadas por casamento mas distintas e separadas, não hesitam em se atacar, uma se vingando da outra a cada geração. Para Wallace-Hadrill, se os reis burgúndios tivessem aceitado se submeter, provavelmente a vingança teria sido interrompida, sendo

¹¹ BUC, Philippe. *The Dangers of Ritual: Between Early Medieval Texts and Social Scientific Theory*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2001 [trad. fr.: *Dangereux rituel. De l'histoire médiévale aux sciences sociales*. Paris: PUF, 2003].

¹² WALLACE-HADRILL, John-Michael. The Bloodfeud of the Franks. *Bulletin of the John Rylands University Library*, 41, p. 459-487, 1959 (Manchester), reeditado em *The long-haired kings and other studies in Frankish History*. Cambridge, MA.: Medieval Academy of America, 1982, p. 121-147.

¹³ WHITE, Stephen D. Clotild's Revenge: Politics, Kingship, and Ideology in the Merovingian Blood Feud. In: COHN JR., Samuel K.; EPSTEIN, Steven A. (dir.). *Portraits of Medieval and Renaissance Living: Essays in Honor of David Herlihy*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996, p. 107-130. Para uma apologia vigorosa, associada a uma crítica da “Escola Americana” funcional-estruturalista, ver From Peace to Power: the Study of Disputes in Medieval France. In: COHEN, Esther; DE JONG, Mayke. B. (dir.). *Medieval Transformations: Texts, Power, and Gifts in Context*. Leiden: Brill, 2001, p. 203-218.

¹⁴ ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2006.

¹⁵ MILLER, William I. *Bloodtaking and Peacemaking: Feud, Law, and Society in Saga Iceland*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1990.

essa a causa de sua desgraça. Dessa forma o próprio autor da narrativa, Gregório, devia considerar essa faida como legítima¹⁶. A sociedade da Alta Idade Média presta-se bem a esse tipo de análise estrutural e funcionalista que encontramos em juristas de origem alemã como Julius Goebel e historiadores como Wallace-Hadrill.

Mais tarde, o dossiê da faida franco-burgúndia foi retomado por Stephen White, grande especialista das formas de negociação para resolução de conflitos nos séculos XI e XII. Recusando-se a considerar a faida como uma estrutura mecânica, cujas variantes e variáveis estariam ligadas à posição na hierarquia e aos artifícios usados pelos chefes, se interessou mais particularmente pelas motivações e estratégias dos indivíduos levando principalmente em conta a dimensão temporal e espacial da faida. Concluiu que a narrativa de Gregório só teria sentido se colocada em relação com o contexto político e familiar merovíngio: por trás do motivo de honra e de vingança que levou os filhos de Clóvis a atacarem seus primos, havia interesses políticos bem calculados que lhes permitiram prosseguir com a política expansionista de seu pai, em um momento favorável, e de tomar assim, momentaneamente o controle da Burgúndia, antes da sua anexação definitiva em 534¹⁷.

Na perspectiva de White, para Gregório de Tours, a vingança não é uma estrutura, mas uma categoria de pensamento, um dos esquemas mentais que utiliza para organizar experiências que qualificaríamos mais como vontade política¹⁸. Trabalhando em uma outra direção, sobre as emoções, Barbara Rosenwein procede a uma análise lexical da narrativa de Gregório de Tours. Conclui que a narrativa se organiza em torno dos sentimentos familiares: Clotilde provocou a guerra contra a Burgúndia lembrando a seus filhos que seus pais haviam sido mortos pelo defunto pai dos reis da Burgúndia, Sigismundo e Godomar e invocando a afeição dos seus filhos, bem como a doce vida que levavam em comum. Ela nota que a concórdia familiar merovíngia contrasta com a discórdia que assolou a família burgúndia, de início com o assassinato dos pais de Clotilde por Gondebaldo, depois, uma geração mais tarde, com o ódio entre a segunda esposa do rei Sigismundo, filho de

¹⁶ WALLACE-HADRILL, John-Michael. The Bloodfeud of the Franks. *Bulletin of the John Rylands University Library*, 41, p. 131.

¹⁷ WHITE, Stephen D. Clotild's Revenge: Politics, Kingship, and Ideology in the Merovingian Blood Feud. In: COHN JR., Samuel K.; EPSTEIN, Steven A. (dir.). *Portraits of Medieval and Renaissance Living: Essays in Honor of David Herlihy*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996, p. 111.

¹⁸ ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2006.

Gondebaldo, e o enteado dela, Sigerico: a rainha finalmente levou o marido a matar o próprio filho, sob pretexto de resposta às injúrias feitas a ela por Sigerico.

Mas Barbara Rosenwein mostra também que Teodorico, meio irmão dos filhos de Clotilde, é um personagem chave da narrativa, já que se casou com a filha de Sigismundo e poderia ter vingado seu sogro como sublinha o próprio Gregório. Ora, precisamente Gregório diz que Teodorico se associou a seus meio-irmãos e fez parte do exército franco que obteve a vitória contra os burgúndios - o que parece pura invenção do autor. O sentimento fraterno aparece assim como o afeto mais poderoso, capaz de suplantar a amizade criada pela aliança matrimonial e de impedir que Teodorico vingue seu sogro. Gregório construiria assim uma história de vingança destacando o amor fraternal, que é, para ele, a chave da paz. Barbara Rosenwein nota, com efeito, que, salvo uma exceção, todas as *bella civilia* descritas por Gregório concernem à desagregação dos laços fraternos. A análise emocional de Rosenwein se aproxima da análise política de White no sentido de que faz da vingança um esquema mental embora na análise da primeira, o esquema mental permita construir um imaginário organizado em torno das relações familiares e mais especificamente das relações filiais e fraternas, fazendo intervir a vingança divina que golpeia Sigismundo, morto pelos filhos de Clotilde. Esses últimos, bem como sua mãe aparecem, assim, como o braço armado de Deus.

Há ainda uma outra chave de leitura para a narrativa, a do gênero. Nenhum dos autores que se interessam por essa faida se interrogou sobre o gênero, ainda que Wallace-Hadrill note bem que a honra das mulheres é frequentemente uma das causas de ruptura e que as rainhas têm um grande papel na vingança. Nira Pancer foi a primeira a estudar a faida franco-burgúndia sob o ângulo do gênero, mas em uma perspectiva feminista que a conduz a reconstruções muito contestáveis sobre a hierarquia dos sexos, baseados na relação das mulheres com a sexualidade e a violência antes e depois da cristianização¹⁹. É necessário então retomar o caso sob a perspectiva do gênero, interrogando-se sobre o papel e a representação da figura feminina na obra de Gregório. Barbara Rosenwein teve razão ao considerar que o personagem central da narrativa de Gregório de Tours era

¹⁹ PANCER, Nira. *Sans peur et sans vergogne: De l'honneur et des femmes aux premiers temps mérovingiens*. Paris: Albin Michel, 2001, e *idem*. *La vengeance féminine revisitée: le cas de Grégoire de Tours*. In: BARTHÉLEMY, Dominique; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (dir.). *La vengeance, 400-1200*. Roma: École Française de Rome, 2006 (Collection de l'École Française de Rome 357), p. 307-324.

Teodorico, enteado de Clotilde, e isso reflete bem a posição dominante do filho mais velho de Clovis e a situação política dos anos 520 quando o reino do Leste é o mais poderoso dos reinos merovíngios. A morte de Clovis fez dele detentor da tutela sobre os meio-irmãos e é com essa autoridade que os apoia contra os burgúndios. Mas deve-se ter em conta o fato de que Teodorico se casou com a filha de Sigismundo, renovando assim a aliança concluída uma geração antes por seu pai com a família real da Burgúndia, quando ele desposou Clotilde. De fato, as imagens femininas aparecem em preto e branco: a de Clotilde se coloca como contraponto à da esposa de Sigismundo, a primeira assegura a concórdia no seio da família, enquanto a segunda suscita o ódio e a vingança. Mas as duas imagens femininas se reúnem em um mesmo sentido de honra que as leva a incitar os homens à vingança: Clotilde apela a seu filho por uma vingança legítima, enquanto a rainha burgúndia apela a seu marido, para uma vingança ilegítima já que ele mata seu próprio filho. Gregório instrumentaliza então as figuras femininas nas relações de competição e de dominação entre as famílias e no seio da família.

Em suma, se colocamos em primeiro lugar as motivações políticas que determinaram a ação militar ou, para dizer de outra forma, se consideramos que a vingança legítima, a violência em um contexto de competição, pode-se pensar que Gregório reconstruiu inteiramente o passado. Nada prova de fato se Gondebaldo matou os pais de Clotilde²⁰ e que Teodorico tenha participado efetivamente da guerra contra os burgúndios. De fato, a pesquisa histórica recente demonstrou que Teodorico não se aproximou da Burgúndia durante o período em que combatia em Auvergne²¹. Gregório então teria utilizado a vingança para justificar as empreitadas dos merovíngios contra seus parentes burgúndios, recriando assim para seus leitores uma família merovíngia unida no passado, para melhor estigmatizar os ódios e vinganças que, em sua época e pela culpa de uma outra rainha, Fredegonda, dilaceravam a família real.

Gostaria agora de abordar um outro tipo de fonte que coloca questões idênticas: as fontes arqueológicas. Os historiadores tinham a tendência em considerar que os documentos arqueológicos colocavam menos problemas já que refletiam uma realidade

²⁰ WOOD, Ian N. Gregory of Tours and Clovis. *Revue belge de philologie et d'histoire*, 63, p. 249-272, 1985 (Bruxelles), aqui p. 253.

²¹ WOOD, Ian N. Clermont and Burgundy: 511-534. *Nottingham Medieval Studies*, 32, p. 119-125, 1988 (Nottingham).

«bruta». Não é assim. Bem ao contrário, os arqueólogos insistem hoje no fato de que eles são os únicos pesquisadores a destruir sua fonte uma vez que eles a submetem a tratamento, impedindo assim que se retorne ao documento arqueológico. Além disso, as fontes arqueológicas colocam em seguida os mesmos problemas de contextualização e desconstrução. Os túmulos de chefe, que aparecem na Gália do Norte no final do século V e que desaparecem por volta da metade do século VI, são um bom exemplo. O estudo dos cemitérios merovíngios revelou, com efeito, profundas mudanças na Gália do Norte em algumas décadas. Elas se traduzem de início pela aparição súbita de túmulos dotados de uma mobília funerária particularmente faustosa. O túmulo do rei franco Childerico foi por muito tempo considerado como o arquétipo das tumbas de chefe.

A respeito de Childerico sabemos que morreu por volta de 481. Seu túmulo foi descoberto fortuitamente em 1653, por um pedreiro em Tournai, nas imediações da Igreja de São Brício. O conteúdo da tumba teve uma história movimentada e poucos objetos chegaram até nós, pois a população de Tournai o pilhou antes que as autoridades intervissem e que os objetos recuperados fossem colocados em local seguro. O arquiduque Leopoldo da Áustria fez com que os objetos fossem estudados por seu médico pessoal Jean-Jacques Chiflet que publica, em 1624, um livro em latim sob o título *Anastasis Childerici I*, ilustrado por 27 imagens gravadas e acompanhadas de notas. O autor menciona fios de ouro, peças de seda, tecidos brocados, objetos de ferro e vestígios de um caixão de madeira do tamanho de um esqueleto (1,85m). Os objetos foram, em seguida, para Viena e, depois, em 1665 o imperador Leopoldo I os deu de presente a Luís XIV por sua ajuda contra os turcos. O conjunto foi colocado na Biblioteca Real de onde foi roubado em 1831. Uma grande parte foi encontrada no ano seguinte, mas na forma de lingotes. Apenas vinte peças foram resgatadas do Rio Sena. Elas testemunham a fidelidade das gravuras impressas de Chiflet.

Um conjunto de escavações foi realizado entre 1983 e 1986 pela Sociedade de Geologia, Pré-História e Arqueologia de Tournai e pelo Centro de Pesquisas de Arqueologia Nacional da Universidade Católica de Louvain. As operações foram difíceis, tendo em vista o ambiente urbano, a estreiteza dos jardins e a impossibilidade de demolições, mas os resultados registrados permitem compreender a região em volta do túmulo. Uma necrópole merovíngia inédita foi, com efeito, descoberta em torno da tumba

real, bem como três sepulturas de cavalos. Os túmulos mais antigos são datados da segunda metade do século V (450-525) sem que se possa dizer se eles são anteriores ao túmulo real. A maior parte das tumbas data do século V. O núcleo do cemitério está situado em torno da tumba real.

A presença das tumbas dos cavalos fez surgir a hipótese de que Childerico teria sido enterrado sob um monte de 20 a 40 metros de diâmetro, provavelmente em uma câmara funerária. As sepulturas sob montes são um fenômeno que se estende por toda a Europa setentrional e central como em Zuran na Morávia, Gamla Uppsala na Suécia (60 à 70m), Jelling na Dinamarca (75 m) e Sutton Hoo na Inglaterra (30), mas não há exemplos na Gália do Norte e na Alemanha. Esse então seria um modelo estrangeiro.

O mais interessante é, sem dúvida, a mobília funerária. Childerico foi identificado graças a seu anel com sinete em ouro, que o representa com o *paludamentum*, os cabelos longos e seu título de *rex*. Dois outros ornamentos eram símbolos de seu estatuto elevado: um broche de ouro na forma de cruz que fechava o manto e um bracelete em ouro maciço. As armas eram de pompa, como demonstram a placa de ourivesaria das bainhas da espada, o punho de ouro da espada longa com duas cabeças de animais na extremidade, a placa de ouro da entrada da bainha da espada e seu fragmento de placa lateral. Tudo decorado com rubis. As abelhas em ouro e rubi eram provenientes do arreio do cavalo. Havia igualmente depositado na tumba, um tesouro monetário considerável de cem soldos de ouro datando dos anos 460-470 e 200 peças de moedas de prata e de bronze. Todos esses objetos atestam uma grande riqueza e uma abertura para o Oriente mediterrâneo e Bizâncio, talvez através de Ravena e Odoacro, com quem Childerico tinha concluído um pacto.

A presença de tumbas de cavalos é excepcional. Sendo três no total, localizadas a 15 e 20 metros da tumba real, contém uma dezena de esqueletos de indivíduos machos, jovens, saudáveis cada uma, enterrados muito próximos. Lançou-se a hipótese de que tenham sido sacrificados, o que não pôde ser comprovado. Os túmulos de cavalos são frequentes na Turíngia, onde Childerico tinha sido exilado, e no norte da Gália, embora o cavalo fosse enterrado com o defunto.

O túmulo de Childerico é o mais importante do norte da Gália, apesar de não ser o único. Pode-se citar o de Neuville-sur-Escaut (Departamento Norte) que data do final

do século V, o de Lavoye (Departamento Mosa) por volta do ano 500, os de Charleville-Mézières, de Plannig (Renânia) do primeiro quarto do século VI ou o de Krefeld-Gellep (Renânia) em torno de 530. Acabam de ser descobertas tumbas principescas em Saint-Dizier que datariam dos anos 550. Todas essas tumbas se caracterizam por um riquíssimo mobiliário funerário. Nota-se, em particular, a deposição de capacetes de origem oriental ou fabricados segundo modelos antigos.

A historiografia tradicional se interessou primeiramente pela prática da deposição funerária e seu significado. Considerou-se que tinha um significado religioso e social, de natureza pagã e hierárquica, que se colocavam na tumba do defunto seus objetos pessoais – “*la part du mort*” - que deveriam servir para a continuação da vida no além, conservando sua posição e estatuto social. Na época em que se tentava ainda fazer coincidir fontes arqueológicas e fontes escritas, tentou-se relacionar o estatuto social, determinado pela ausência ou presença de armas, depois pelos tipos de armas e sua qualidade. Considerou-se que as deposições funerárias eram o reflexo da posição do defunto na hierarquia social já que o mundo dos mortos refletia o dos vivos. Os objetos preciosos depositados nas tumbas ditas “de chefes” traduziam então a posição exata dos defuntos no topo da hierarquia dos guerreiros²².

Patrick Périn, que insistiu no fato de que os francos tinham adotado a prática da inumação ao se inserirem nas estruturas romanas no século IV, desenvolveu uma interpretação etno-política da aparição das tumbas de chefes. Partindo do pressuposto de que a tumba de Childerico é forçosamente a primeira dessas tumbas principescas, servindo de modelo, desenvolveu a ideia de que a aparição e a difusão das tumbas de chefe traduziam o rápido estabelecimento de uma hierarquia muito bem controlada pelos merovíngios e a ascensão da elite guerreira franca a partir da região entre Escaut-Mosa e a Alemanha²³. Os arqueólogos inspirados pela antropologia e psicologia sociais, em particular os pré-historiadores, adotaram uma outra perspectiva que reflete melhor a

²² DIERKENS, Alain. Cimetières mérovingiens et histoire du Haut Moyen Âge. Chronologie, société, religion. In: *Histoire et méthode*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1981 (Acta Historica Bruxellensia, IV), pp. 15-70.

²³ PÉRIN, Patrick. Les tombes de ‘chefs’ de l’époque de Childéric et de Clovis et leur interprétation historique. In: VALLET, Françoise; KAZANSKI, Michel (eds.). *La noblesse romaine et les chefs barbares du III^e au VII^e siècle*. Atas do colóquio internacional do Museu de Antiguidades nacionais, Saint-Germain-en-Laye, 1992. Condé-sur-Noireau: Association française d’archéologie mérovingienne, 1995, p. 247-301 (Mémoires publiés par l’Association française d’Archéologie mérovingienne, 9).

competição. Eles ressaltam que as deposições funerárias não têm simplesmente um significado religioso e que elas não se destinam a identificar somente, ou prioritariamente, o estatuto do defunto²⁴: o mundo dos mortos só reflete parcialmente o mundo dos vivos. Alain Testart ainda diz que são as relações sociais e econômicas que prevalecem nas práticas funerárias²⁵. Nas sociedades antigas, em que a competição determina as posições de dominação, o prestígio individual é o elemento estruturante das relações sociais sendo medido nas grandes cerimônias públicas que reúnem a comunidade. A morte do chefe é sempre um elemento desestabilizador e os funerais são momentos particularmente importantes em que os herdeiros devem renegociar suas posições no seio da comunidade depositando no túmulo e redistribuindo os bens de prestígio deixados pelo defunto. Nos períodos de instabilidade, de tensão social, ou quando as relações políticas não se dão através do estado, em que se tem um poder de fato mais do que de direito, a parte do morto, ou seja, aquilo que é objetivamente subtraído do uso e destruído na tumba, é a mais importante e se compõe de bens de prestígio, sinais de grande riqueza, sendo que os funerais eram acompanhados de banquetes e jogos fúnebres. Quando as relações são mais estáveis, “*la part du mort*” é bem mais modesta e a redistribuição se faz na forma de cerimônias em que os membros da comunidade vêm solenemente receber uma parte da fortuna do morto²⁶, enquanto a comunidade, por sua vez, oferece bens à família do defunto²⁷. É sem dúvida difícil considerar essa classificação para os períodos que estudamos, mas durante um curto período, entre o final do século V e os anos 530-550, as deposições funerárias são subitamente enriquecidas, o que poderia ser o sinal de uma desestabilização das relações sociais e políticas ligadas à tensão social.

O medievalista Guy Halsall, que estudou os cemitérios da região de Metz no século VI, propôs uma nova grade de leitura para as sepulturas, que não mais separa as tumbas de chefe do seu em torno e que, por um lado leva em conta todos os túmulos de necrópoles,

²⁴ BARAY, Luc. Dépôts funéraires et hiérarchies sociales aux âges du fer en Europe occidentale: aspects idéologiques et socio-économiques. In: BARAY, Luc; BRUN, Patrice; TESTART, Alain (dir.). *Pratiques funéraires et sociétés*. Nouvelles approches en archéologie et en anthropologie sociale. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 2007, p. 169-189 (Collection Art, Archéologie et patrimoine).

²⁵ TESTART, A. Deux politiques funéraires: dépôt ou distribution. In: BARAY, Luc (dir.). *Archéologie des pratiques funéraires: approche critique*. Atas da mesa redonda organizada no Centro arqueológico europeu do Mont Beuvray, Glux-en-Glenne, 7-9 de junho de 2001. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray, 2004, p. 303-310 (Bibracte, 9).

²⁶ TESTART, Alain. Enjeux et difficultés d’une archéologie sociale du funéraire. In: BARAY, Luc; BRUN, Patrice; TESTART, Alain (dir.). Op.cit., p. 9-13.

²⁷ BARAY, Luc.. Op. cit., p. 177.

assim como a idade e o sexo dos defuntos e, por outro, reintegra o fator religioso à análise. Nas novas necrópoles em que o mobiliário funerário se enriqueceu globalmente, a riqueza das deposições tem como base a idade e o sexo dos defuntos. Os túmulos dos mais ricos – as tumbas de chefe – são frequentemente de um homem velho e de jovens adultos guerreiros, enquanto que os de crianças, adolescentes e de pessoas idosas são bem menos ricos. Halsall conclui que a morte do chefe idoso e dos jovens adultos desestabilizava e fragilizava as posições mal estabelecidas dos herdeiros. Os funerais se tornavam ocasião de grande aumento nas despesas, com o sacrifício de bens importantes nas tumbas destinados a reforçar os laços com o defunto para legitimar e reforçar o poder dos herdeiros. O autor liga ainda as mudanças a uma instabilidade social, geradora de tensão, que provocou altos gastos entre os competidores no momento dos funerais, situando a análise no contexto geral da crise do final do século V e início do século VI.

Com o colapso da ordem romana no fim do século V, os chefes francos ascenderam a novas posições de poder e, sem dúvida, a novas fontes de riqueza. Eles puderam acumular riquezas individualmente e redistribuí-las, mas na falta de uma hierarquia estável e legitimadora durante as primeiras gerações, essas posições foram objeto de forte rivalidade e contestação. A elite devia sacrificar uma parte de suas riquezas de forma excessiva e ostentatória nas cerimônias públicas, para se reproduzir e criar sua própria legitimidade²⁸. Portanto, torna-se necessário reinterpretar os funerais de Childerico, em Tournai, por volta de 481, na perspectiva competitiva e agonística. Os funerais são sem dúvida a expressão do poder militar de Childerico no contexto do colapso da autoridade romana na Gália do Norte²⁹. Mas eles são também uma construção de Clóvis e de seus próximos, e seu fausto sem precedentes traduz a instabilidade da sucessão. Não sabemos a idade com que morreu Childerico (ele parece ter reinado a partir de 456, data em que tinha pelo menos quinze anos, o que faria dele um homem de 40 anos à sua morte). Clóvis tinha quinze anos quando da morte de seu pai. Sua posição não estava assegurada, era até mesmo muito frágil face a seus competidores. A dinastia merovíngia não existe antes de Clóvis, sendo uma criação dele e de seus filhos. A historiografia e as

²⁸ BATAILLE, Georges. La notion de dépense. *La Critique sociale*, 7, janvier 1933 (Paris). GODELIER, Maurice. *L'Enigme du don*. Paris: Fayard, 1996.

²⁹ MÜLLER-WILLE, Michael. Königtum und Adel im Spiegel der Grabfunde. In: *Die Franken. Wegbereiter Europas*. Vor 1500 Jahren: König Chlodwig und seine Erben. Catálogo da exposição no Reiss-Museum de Mannheim, de 8 de setembro de 1996 a 6 de janeiro de 1997. Mainz: Zabern, 1996, p. 206-221.

genealogias merovíngias deram uma imagem enganosa da sucessão real, fruto na verdade de uma reconstituição: do ancestral Clódio a Meroveu e Chilperico, de Clóvis ao último merovíngio, os reis parecem se suceder naturalmente de pai a filho, no seio de uma mesma linhagem, seguindo uma ordem dinástica. Na realidade, a legitimidade familiar dos primeiros reis francos não se baseava em uma continuidade linhagística. As narrativas de Gregório de Tours não escondem as dificuldades da sucessão real: se não há nenhuma dúvida de que Clóvis sucedeu a Childerico, nem que os quatro filhos de Clóvis o sucederam, não é tão certo que Clóvis fosse o único herdeiro possível ou o único candidato à realeza e é ainda menos certo que as sucessões acontecessem « naturalmente ». Nessa perspectiva, a carta de Remígio de Reims a Clóvis, na qual o felicita por sua herança como administrador da Bélgica Segunda, poderia ser interpretada como uma forma de ajudar o filho de Childerico a superar a crise, causada pela morte de seu pai. A vitória sobre Siágrio e o episódio do vaso de Soisson estão localizados entre os poucos eventos atribuídos aos primeiros momentos do reinado de Clóvis cujo registro é conhecido. Este último episódio – uma espécie de *potlatch*, cerimônia em que um objeto precioso é destruído – se dá significativamente diante de Clóvis. Nada impede que vejamos no guerreiro que efetiva o ato um dos adversários de Clóvis uma vez que sabemos que este teve opositores - reis francos de pequenas regiões – combatidos e eliminados até o final de seu reinado. Seguindo a antropologia, pode-se reinterpretar a tumba de Childerico e ver nesses funerais faustosos que organizaram Clóvis e seus partidários, uma reação à tensão causada pela morte do pai. Ele reivindica dessa forma, pelo sacrifício de suas riquezas, talvez ofertadas aos ancestrais, uma legitimidade que só lhe será reconhecida anos mais tarde, após suas vitórias e a eliminação brutal de todos os concorrentes reais³⁰. Nessas condições, o desaparecimento dos túmulos de chefes, passados os anos 530-550, poderia sancionar a estabilização e o estabelecimento de uma hierarquia mais estreitamente dependente do rei. A rarefação progressiva das deposições

³⁰ WICKHAM, Chris. *Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 179.

funerárias no século VII traduziria em seguida novas formas de legitimação, que tornavam menos necessária a dispensa ostentatória no momento dos funerais³¹.

Fontes tão diferentes como os *Dez Livros de História* de Gregório de Tours³², o *Manual de Dhuoda* (841-843) ou a *Vida de Meinwerk de Paderborn* podem ser desconstruídas e reinterpretadas globalmente. O *Manual de Dhuoda*, por exemplo, foi estudado como um tratado de educação religiosa e moral, mas pode-se ver nele outra coisa: uma obra muito complexa, de um gênero inclassificável. Ele se parece com os «Espelhos de Príncipe» carolíngios, mas se distingue deles por seu caráter pessoal e bastante afetivo. Além disso, apresenta pontos em comum com as correspondências, em particular com as cartas de aconselhamento que as mães endereçavam a seus filhos. Mas trata-se de um livro, e não de uma carta, que apresenta a lista dos ancestrais para os quais Guilherme deverá rezar. No entanto, não chega a ser um *computarium* uma vez que Dhuoda «esquece» voluntariamente todos os parentes maternos de Guilherme assim como parte dos parentes paternos, para colocar outros em evidência.

Na verdade, não existe nenhum outro escrito desse gênero. Dhuoda, que era uma mulher culta, se inspirou em vários gêneros literários para construir um texto que me parece ambíguo, complexo, que se dirige a seu filho, mas que é destinado a ser lido por outras pessoas além dele: seus companheiros na corte do rei Carlos o Calvo, onde Guilherme é uma espécie de refém, além dos grandes da corte e, sem dúvida, o próprio rei Carlos. Sob o pretexto da educação religiosa e moral, Dhuoda transmite em seu manual uma mensagem política subversiva, que é a da elite do reino franco na metade do século

³¹ Entre os lombardos, Irene Barbiera constata que as práticas funerárias mudaram em menos de uma geração entre a partida dos lombardos da Panônia e sua instalação na Itália. As tumbas deixam de ser ordenadas por sexo para serem agrupadas por famílias, enquanto aparece um mobiliário funerário muito mais rico (BARBIERA, Irene. *Changing lands in changing memories. Migration and identity during the lombard invasions*. Firenze: All'insegna Del Giglio, 2005). Aqui também as mudanças traduzem os desequilíbrios sociais provocados pela migração e as condições da conquista, a apropriação de novas riquezas pelas elites que rivalizam e tentam fazer com que sua posição seja reconhecida. Do lado inglês, a tumba de Sutton Hoo, datada dos anos 620 e as que o acompanham são provavelmente o sinal da emergência de uma elite guerreira que tem acesso a novas riquezas. Todos os objetos depositados no túmulo (real?) revelam, com efeito, a abertura para o exterior: o barco, os remadores (que podem ter sido mortos), as quarenta peças de moedas gaulesas, todas de proveniência diferente, o capacete e os objetos de origem oriental. Ao mesmo tempo, o sacrifício traduz a instabilidade e a competição criadas no seio da sociedade por essa mesma abertura.

³² GOFFART, W. From *Historiae* to *Historia Francorum* and back again: aspects of the textual history of Gregory of Tours. In: NOBLE, Thomas F. X.; CONTRENI, John J. (eds.). *Religion, Culture and Society in the Early Middle Ages: Studies in Honor of Richard E. Sullivan*. Michigan: Medieval Institute Publications, 1987, p. 55-76, HEINZELMANN, Martin. *Gregory of Tours: History and Society in the Sixth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

IX: a nobreza não seria fiel a um rei tirano que tumultua a ordem natural das coisas separando o filho de seu pai. A mensagem servia a Bernardo da Septimânia, pai de Guilherme e esposo de Dhuoda, o que volta a colocar a questão das mudanças de personalidade – transtorno de ego – e do gênero: Dhuoda escreveu sob as ordens de seu marido ou ela comungava dos mesmos valores culturais e familiares? De qualquer forma, estamos longe de um tratado de educação piedoso.

A *Vida de Meinwerk de Paderborn* foi provavelmente redigida entre 1155 e 1165 por Conrado, abade de Abdinghof em Paderborn, fundação do bispo Meinwerk³³. O autor tinha à sua disposição ricos arquivos diplomáticos, a crônica de Thietmar e sem dúvida o *De diversitate temporum*, de Alpert de Metz, além de outras fontes, em particular, as tradições orais. A *Vita* é muito rica e foi utilizada de forma diversificada: para estabelecer o lugar dos bispos saxões na política imperial, uma vez que Meinwerk foi nomeado por Oto III em 1000 e pertencia à poderosa família dos Immedings, ligada à família imperial; para propagar a imagem negativa de sua mãe, a célebre Adele de Hamaland, condenada pela dieta imperial de Nimega, em 1018, juntamente com seu segundo marido pela morte do conde Wicmann, e acusada na *Vida* de ser a assassina de seu filho Teodorico³⁴; para a conversão de objetos, estabelecendo sua sobretaxa simbólica, já que a *Vita* informa a lista de objetos oferecidas ao mosteiro, incorporado ao patrimônio imóvel da abadia, etc. A *Vita* é construída como uma notícia de *Gesta episcoporum*, retomando elementos biográficos transmitidos por narrativas mais antigas, interpretando-os e modificando-os, utilizando material diplomático e descrições visuais. Nota-se que está centrada no patrimônio da igreja de Paderborn e de Abdinghof³⁵. Sem colocar em causa a importância do patrimônio na *Vita*, pode-se também mostrar como todos os elementos da obra servem à abadia de Abdinghof na competição que a opõe à abadia de Elten, fundação da família materna de Meinwerk. O autor da *Vita*

³³ Vita Meinweri Episcopi Patherbrunnensis. In: *Monumenta Germaniae Historica: Scriptores rerum Germanicarum*. Editado por Franz Tenckhoff. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 1921, p. V-VII.

³⁴ LE JAN, Régine. La vengeance d'Adele ou la construction d'une légende noire. In: BARTHÉLEMY, Dominique; BOUGARD, François; LE JAN, Régine (dir.). *La vengeance, 400-1200*. Roma: École Française de Rome, 2006 (Collection de l'École Française de Rome 357), p. 325-340.

³⁵ Ver IRSIGLER, Franz. Bischof Meinwerk, Graf Dodiko und Warburg. Herrschaft, Wirtschaft und Gesellschaft des hohen Mittelalters im östlichen Westfalen. *Westfälische Zeitschrift* 126/127, p. 181-200, 1976/77 (Münster). RÖSENER, Werner. Grundherrschaft und Bauerntum im hochmittelalterlichen Westfalen. *Westfälische Zeitschrift*, 139, p. 9-41, 1989. REUTER, Timothy. Property Transactions and Social Relations between Rulers, Bishops and Nobles in Early Eleventh-Century Saxony: The Evidence of the *Vita Meinweri*. In: DAVIES, Wendy; FOURACRE, Paul (eds.). *Property and Power in the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 165-199.

Meinwerchi traspõe os eventos concernentes a Adele de Hamaland como uma faida intrafamiliar para justificar, na metade do século XII, a política patrimonial do bispo Meinwerk um século e meio mais cedo, e também para justificar através dela, as pretensões patrimoniais de Abdinghof contra Elten, já que o conflito entre Adele e Meinwerk recaía sobre a herança dos Immedings: Adele queria beneficiar a fundação familiar dos Hamalands, em Elten, enquanto Meinwerk, ao contrário, utilizou a herança paterna para avantajá-la sua igreja, como tinha incitado o imperador Henrique II e para criar em Abdinghof um novo pólo familiar de sacralidade, concorrente a Elten. As rivalidades entre os dois mosteiros estiveram sempre vivas no meio do século XII. Em 1129, Elten reafirmou seus bens por meio do imperador Lotário III e Abdinghof reagiu obtendo uma confirmação do papa Eugênio III, em 1146³⁶. Escrita pouco depois, a *Vita* aparece assim como uma arma contra o mosteiro rival que tinha sido sustentado por uma assassina, e fundava a superioridade de Abdinghof sobre Elten, desconsiderado pelo fim trágico de seus benfeitores e privado de sua vocação natural a responsável pela memória litúrgica de seus fundadores.

3 – Reconstruir a história

Essas desconstruções nos levam a questionar nossa própria forma de interrogar as fontes e as de reconstruir. O questionamento profundo sobre as relações entre a escrita e modelos culturais, ideológicos, políticos ou sociológicos, quer sejam explícitos ou implícitos, é, com efeito, uma das maiores preocupações dos historiadores que têm cada vez mais consciência da influência de correntes de pensamento e do contexto histórico. O trabalho de Agnès Graceffa³⁷ sobre o povoamento merovíngio, que consistia em comparar as historiografias alemã e francesa dos séculos XIX e XX, revelou que os centros de interesse dos pesquisadores não divergiam tão fundamentalmente como havia se pensado, mas que as perspectivas nacionais, senão nacionalistas, foram difundidas até quase à segunda guerra mundial de um lado e outro do Reno. Se os alto-medievalistas inscrevem daí em diante sua pesquisa em uma perspectiva internacional, a vivacidade de certos debates se explica ainda em grande parte pelos modelos e panos de fundo ideológicos que os sustentam.

³⁶ BUC, Philippe. Conversion of Objects: Suger of Saint-Denis and Meinwerk of Paderborn. *Viator*, 28, p. 99-143, 1997 (Turnhout), aqui p.131.

³⁷ GRACEFFA, Agnès. *Les historiens et la question franque: le peuplement franc et les Mérovingiens dans l'historiographie française et allemande des XIX^e-XX^e siècles*. Turnhout: Brepols, 2009.

O debate sobre a continuidade ou a ruptura entre Antiguidade e Idade Média, entre romanidade e barbárie continua depois do século XIX e ainda não terminou. Childerico foi visto ora como um chefe bárbaro, ora como um funcionário romano. Colocou-se em evidência o fausto de seu sepultamento, a importância da deposição funerária, as armas e os cabelos longos, o sarcófago em madeira, e recentemente os túmulos de cavalos que inscreveram Childerico na tradição dos povos bárbaros; o anel de sinete pode ser somente um presente e um sinal de distinção, sem função diplomática, e o tesouro monetário um sinal de riqueza. Mas outros dizem que Childerico tem todos os atributos de um alto funcionário romano: o manto dos generais, o anel de sinete, que pode sugerir que ele tinha atribuições de chancelaria, o título de *rex*, que é romano, as moedas, todas romanas, que constituíam talvez o soldo dos guerreiros francos federados, as abelhas, etc. Não é nem mesmo a localização da tumba real, de proximidade imediata a uma necrópole e a uma cidade romanas, que movimenta o moinho dos « romanistas » que se apoiam também na carta de Remígio a Clóvis, felicitando-o por suceder seu pai como administrador da Bélgica Segunda. Essas divergências de interpretação podem evidentemente ser resolvidas admitindo-se que Childerico é um príncipe bárbaro a serviço de Roma.

As questões que colocamos nunca são neutras e somos, consciente e inconscientemente, inspirados por nossas tradições historiográficas e metodológicas, assim como pela nossa própria história. A interpretação « merovingiana » clássica dos túmulos de chefe se inscreve em uma perspectiva etnocêntrica, hierárquica e centralizadora, própria aos historiadores e à tradição francesa. Ela se articula sobre esquemas de pensamento que não concebem a ordem política sem um centro todo-poderoso que concentre e redistribua as riquezas. É essa mesma perspectiva centralizadora que nos levou, por muito tempo, a superestimar a centralização carolíngia e a conceber o século XI como um período de anarquia feudal, ainda que se considerasse os tempos carolíngios como um período de estagnação e os tempos feudais como um período de crescimento econômico. A questão das identidades, que renovou profundamente o debate sobre o período entre os séculos I e VI só foi colocada tardiamente, na Alemanha primeiramente e, em seguida, na Áustria, nos anos 70 do século XX. A escola de Viena desenvolveu teorias etno-genéticas que ligavam a etnicidade à questão identitária em uma perspectiva cultural. Essa questão só foi colocada tardiamente porque, como recentemente ressaltou Walter Pohl, as identidades « são

abordadas somente quando estão se decompondo”³⁸. Mas o interesse particular dos historiadores alemães e austríacos por essas questões se explica também pela história recente: as ideias etno-racistas da primeira metade do século XX e uma sensibilidade multicultural vinda do passado multiétnico da Áustria.

Os exemplos escolhidos revelam também que a diversidade e as mudanças dos modelos influenciam consciente ou inconscientemente os historiadores. Enquanto os historiadores alemães foram fortemente influenciados pela sociologia weberiana, seus pares anglo-saxões e franceses tiraram seus questionamentos, frequentemente, da sociologia durkheimiana e da antropologia sociais. É pela via das análises sócio-antropológicas que se chegou a compreender como funcionavam as sociedades da alta Idade Média, considerando sua alteridade e sua proximidade com outras sociedades competitivas em que o Estado tinha pouco poder, sociedades de compromissos, estritamente controladas por mecanismos reguladores extremamente codificados que mantinham a coesão social.

Ao mesmo tempo, nos arriscamos a permanecer tributários de modelos vindos de outras ciências sociais, que se distinguem fundamentalmente da história, por privilegiarem a sincronia, e assim o estrutural e a oralidade de onde a história é tirada, salvo por períodos mais imediatamente contemporâneos. A análise de Wallace-Hadrill a respeito da vingança de Clotilde foi essencialmente estrutural e funcionalista: não somente a vingança obedece a regras, mas ela é um meio de regular conflitos nas sociedades tradicionais, em que cada elemento contribui para o funcionamento de uma ordem global, na qual os atos significantes dos indivíduos se inserem e lhes dão sentido. Por outro lado, deve-se levar em conta a contribuição da antropologia cultural norte-americana que colocou em dúvida o fato de que, nas sociedades tradicionais, o todo social é regulado por mecanismos funcionais que se impõem aos indivíduos. Influenciada pela *Kulturwissenschaft* alemã, ela destaca a importância da “cultura” que passa pela língua, pelas práticas corporais, comportamentos, mas também pela construção dos gêneros e do simbólico. Na França também, essa aproximação se tornou central com os trabalhos de

³⁸ POHL, Walter. Nouvelles identités ethniques entre Antiquité tardive et Haut Moyen Âge. In: BAUDUIN, Pierre; GAZEAU, Véronique; MODÉRAN, Yves (dir.) *Identité et ethnicité: concepts, débats historiographiques, exemples (III^e-XII^e siècle)*. Turnhout: Brepols, 2008, p. 23-33, aqui p. 24.

Pierre Bourdieu sobre o *habitus*, definido como um conjunto de valores partilhados pelos indivíduos que os colocam em prática para defender seus próprios interesses.

A controvérsia entre Buc e Althoff sobre o tema da eficácia dos rituais se insere no debate aberto pela “*linguistic turn*” de início e a “*performative turn*” em seguida³⁹. Ela coloca a questão da função da escrita em uma sociedade dominada pelo oral. Os historiadores não podem apreender a oralidade e o gestual, já que eles não ouvem as palavras e não veem os gestos que devem passar pelo prisma da narrativa escrita, feita pelos clérigos que projetam sobre ele suas próprias representações. As reconstruções do passado que desconstruímos mais acima podem conduzir, em uma perspectiva pós-moderna, a considerar, como faz Philippe Buc, que a narrativa cria sua própria realidade. No entanto a *linguistic turn*, que insistiu sobre o papel da linguagem e suas correlações com outras formas de vida cultural, também mostrou seus limites, conduzindo a impasses. Em primeiro lugar, do ponto de vista linguístico, a formação das categorias parece mais social do que linguística, na medida em que duas sociedades diferentes empregam as mesmas palavras, mas lhes dão significados diversos. Deve-se contextualizar a linguagem para compreender o sentido das palavras. Em segundo lugar, se *vine* é apenas uma ideia de vinha, como afirma Alain Guerreau, se a vingança é apenas um esquema de pensamento interpretativo, se a figura feminina só serve para pensar a ordem e a desordem social, como escrever a história das relações sociais, das relações entre homens e mulheres, entre clérigos e laicos? Como descrever o funcionamento social se questionamos o valor da narrativa como expressão de uma certa forma de realidade social? Como apreender o que não se exprime? Em terceiro lugar, a *performative turn* colocou a questão da eficácia das normas e do ideal, o que não significa que o ideal esteja desconectado do real. Bourdieu insistiu sobre a necessidade de uma adesão coletiva a valores compartilhados e Barbara Rosenwein mostra como a partilha das mesmas “emoções” determinam as “comunidades emocionais”⁴⁰. Nessa perspectiva, os comportamentos não são mais determinados pela aplicação mecânica de normas, mas

³⁹ Sobre a *performative turn*, ver WULF, Christoph; GÖHLICH, Michael; ZIRFAS, Jörg (eds.). *Grundlagen des performativen*. Eine Einführung in die Zusammenhänge von Sprache, Macht und Handeln. Weinheim: Juventa, 2001; SCHECHNER, Richard. *Performance Studies: An Introduction*. London: Routledge, 2002; BURKE, Peter. *Performing History: the importance of occasions*. *Rethinking History*, 9, p. 35-52, 2005 (London).

⁴⁰ ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional Communities in the Early Middle Ages*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2006.

pela tensão permanente entre o interesse pessoal e a adesão coletiva às normas, entre recusa/transgressão e adesão/submissão às normas no contexto da competição.

Retomemos uma última vez o exemplo da vingança. Em 779, Carlos Magno proíbe a faida, mas sabe-se que a proibição não fez desaparecer as vinganças, o que nos leva ao caráter performático da medida. Pode-se então perguntar se o objetivo de Carlos Magno foi proibir realmente as faidas e/ou se ele tinha alguma ilusão a respeito da eficácia da medida que tomou. Ele poderia combater apenas um modo de pensar, um esquema mental explicativo? Será que o que ele queria, antes de mais nada, não era representar a si mesmo como um soberano cristão, protetor da ordem e regulador da paz? Analisando as revoltas carolíngias, constata-se, com efeito, que os autores as relacionam sempre a conflitos de honra, pensando-as em termos de vingança, ainda que os motivos sejam de ordem política⁴¹. Pode-se supor que era isso que esperavam os leitores para explicar e legitimar as relações agonísticas em que havia competição e contestação da autoridade real. De fato, ao proibir a vingança, o rei carolíngio certamente tentou deslegitimar o sistema de pensamento que justificava as revoltas. Poder-se-ia assim avançar a ideia de que a faida tinha perdido sua eficácia como modo de regulação dos conflitos se, a partir de dossiês bem precisos, nós não tivéssemos dados suficientes para afirmar que a honra se encontrava bem no coração do sistema social e que as práticas de faida continuavam legítimas aos olhos da população, ainda que elas frequentemente deslizassem para formas de « violência costumeira ». Como escreveu Barbara Rosenwein em relação às emoções, essas só são conhecidas quando expressas por textos que são codificados, enganadores, ou de uso singular, mas que nos dizem, apesar disso, alguma coisa sobre sentimentos verdadeiros. Pode-se então considerar que, por ser performativo e seguir o ritmo social, o ideal devia se articular, de uma forma ou de outra, com o real e que em consequência, os textos nos dizem também alguma coisa sobre as mudanças sociais. Ora, entre a época carolíngia e a época feudal, os conflitos não mudaram de natureza e talvez, nem mesmo de intensidade, mas as queixas dos monges contra as violências dos guerreiros se multiplicam nos séculos X e XI. Se levarmos em conta, ao mesmo tempo, a memória e o esquecimento, e também a tensão que provoca uma forte e brutal mortalidade social, é

⁴¹ LE JAN, Régine. Elites et révoltes à l'époque carolingienne: crise des élites ou crise des modèles? In: BOUGARD, François; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine (dir.). *Les élites au haut Moyen Âge*. Crises et renouvellements. Turnhout: Brepols, 2006, p. 403-424.

possível que o discurso monástico, por mais reconstruído e tendencioso que seja, traduza uma verdadeira mudança social, marcada pela ascensão dos *milites*. Esses últimos desenvolveram certamente estratégias de integração no grupo superior da elite, adotando seus códigos de valores, caracterizados pelo ódio e amizade, mas o comportamento dos *milites* é julgado ilegítimo pelos monges, e talvez também pelas elites laicas, que não os reconhecem como parceiros aceitáveis e legítimos.

Para concluir, parece que nosso trabalho sobre as fontes se tornou mais estimulante, mas também mais difícil. Tomamos consciência de que só apreendemos os fatos e as realidades medievais através de prismas deformantes: da memória e do esquecimento, das construções mentais e das representações que os antigos impuseram. Sabemos também que estamos construindo um passado medieval a partir de nossas próprias interrogações, dos nossos próprios modelos explicativos, parcial, muitas vezes tendencioso e sem dúvida distante da realidade medieval.